

LLANSOL: O CANTO DO CISNE

LLANSOL: THE SWAN SONG

João Barrento¹

RESUMO

O artigo propõe a leitura do último livro de Maria Gabriela Llansol, *Os Cantores de Leitura*, como uma grande síntese de toda uma obra, um canto do cisne em que são convocados modos de escrita particulares (o fragmento e as suas múltiplas possibilidades construtivas e expressivas), figuras de referência (o filósofo Spinoza) e uma nova ideia de comunidade trans-humana, mas não utópica. Propõem-se leituras desta última comunidade epifânica, da sua busca de uma Sabedoria do Sim, do sentido das múltiplas casas que são centros de energia viva e do lugar central da ideia do canto da leitura (do texto, do mundo e do Outro) como elemento agregador desta comunidade de vozes singulares unida pela conversação espiritual do «eterno retorno do mútuo».

PALAVRAS-CHAVE: Llansol. *Os Cantores de Leitura*. Spinoza. Fragmento. Comunidade.

ABSTRACT

The article proposes a reading of Maria Gabriela Llansol's last book, *Os Cantores de Leitura*, as a great synthesis of her whole work, a swan song that brings together particular modes of writing (the fragment and its multiple structural and expressive possibilities), main figures like the philosopher Spinoza and a new idea of trans-human but not utopic community. Possible ways of interpretation of this epiphanic community are proposed: its search for a kind of Wisdom of the Yes, the meaning of multiple houses as centers of live energy and the central role of the notion of reading-as-canticle (reading of the text, the world and the Other) as the unifying factor of this community of singular voices united by the spiritual conversation of the «eternal return of the mutual».

KEYWORDS: Llansol. *Os Cantores de Leitura*. Spinoza. Fragment. Community.

A minha reflexão centra-se sobre o último livro publicado por Maria Gabriela Llansol, mas antes de entrar na análise mais particular desse livro, *Os Cantores de Leitura* (publicado em 2007, pouco antes da sua morte), será importante lembrar que este, como qualquer outro livro desta autora acentrada em relação às normas mais habituais no mundo da chamada «literatura», não está aí só, nem pode ser lido apenas em si mesmo. Sendo o livro último, que vejo como uma espécie de canto do cisne e grande síntese de toda uma Obra, ele tem de se inserir no «rio da escrita» que abre com aquele outro a que Llansol chamou o «livro-fonte», *O Livro das Comunidades*, publicado trinta anos antes, em 1977. Ele corresponde assim a um momento particular, e a um ponto alto e mais rarefeito, desse livro contínuo, édito e inédito, escrito e ainda por escrever com os muitos milhares de páginas que ficaram no seu espólio. Llansol por mais de uma vez acentuou a ideia de que não fazia livros, simplesmente escrevia, coisa que hoje, conhecendo melhor a génese de todos os seus livros, estamos em condições de confirmar plenamente. Já em 1976, a meio de um exílio de vinte anos na Bélgica, lemos nos seus cadernos: «Desejo escrever, não fazer livros, o que é muito diferente daquilo que experimentava antes»; ou também, referindo-se ao que ia escrevendo diariamente nesses cadernos: «Todos os textos integram o texto do meu livro, *livro único*, que aparece publicado em lugares, datas, textos ou volumes diferentes» (LLANSOL, 2009, p. 124, 115). E pela mesma altura, no que seria o segundo Diário publicado, *Finita*: «eu não fui talhada para fazer livros, mas para dar a entender por escrito o que foi uma experiência...» (LLANSOL, 2005, p. 123).

E a grande experiência de Llansol – no duplo sentido de algo de vivido, mas também de projecto, ou, etimologicamente, travessia de risco – foi a da sua busca incessante de «uma vida verdadeira no meio da falsa» (contrariando o filósofo Adorno num dos aforismos de *Minima Moralia*, e aproximando-se já do seu grande companheiro filosófico, Spinoza, que constantemente surge, de forma subtil ou explícita, neste livro). Maria Gabriela Llansol empenha-se em mostrar, com o seu texto contínuo e para além da sua singularidade textual, que o projecto do humano que o orienta seria susceptível de mudar o mundo, o «jardim devastado» em que ela procura implantar o «perfil da esperança», até o tornar de novo reconhecível como um mundo mais humanizado. *Os Cantores de Leitura* são a manifestação última da crença de que é preciso, e possível, ler o mundo e intervir nele por uma via, não apenas ética, não apenas estética, mas pelos caminhos de uma *sensualética* – como, de resto, acontece com o Spinoza da *Ética*, na sua dança de proposições, demonstrações, escólios e corolários, pelo menos na leitura e no uso que dele faz a nossa autora, como se se tratasse de um estimulante «poema contínuo».

Tudo isto tem uma série de implicações para a leitura dos livros de Llansol, a saber:

– Precisamos de nos acostumar a *novos modos de ler*, a uma escrita tendencialmente *fragmentária*, e não sequencial, que apela mais para a nossa capacidade de descobrir intensidades, «cenas fulgor», imagens vivas, ideias em acção, do que de acompanhar enredos psicológicos ou derrames emocionais.

– Se a isto acrescentarmos o facto de os seus livros convocarem uma plêiade de *figuras* em permanente metamorfose, que transitam de livro para livro, indo desaguar neste último, que por sua vez faz nascer uma nova comunidade etérea de perfis singulares (cerca de vinte), entenderemos melhor como toda esta Obra, e *Os Cantores de Leitura* em particular, geram no leitor um misto de *perplexidade* e *estímulo* que pode transformar esse novo leitor num interveniente activo, num «textuante» que completa o que lê, e sobre o qual o lido terá necessariamente consequências. Quando isso acontece, «chegamos aonde não sabemos por caminhos que não sabemos», para evocar as palavras da sua primeira grande figura, o S. João da Cruz d’O *Livro das Comunidades*.

– Se aí chegarmos perceberemos melhor como esta escrita não é, nem *experimental* (apesar da revolução que opera com a linguagem), nem *realista* ou mimética (apesar da matéria histórica concreta e sobretudo do quotidiano mais reconhecível que a alimentam), nem tão-pouco *hermética* ou *esotérica* (a não ser talvez no sentido em que Nietzsche, na esteira dos Gregos, usa o termo «esotérico» – o de um dentro sem fora e sem causalidade –, para o distinguir do «exotérico», o saber voltado para o mundo, e não para a alma). Estamos perante uma forma de escrita, dirá Llansol, «fora da literatura, nas margens da língua», toda voltada para a percepção e expressão da *dinâmica global do Ser* (sem hierarquias), da *vibração do Vivo*, dos *múltiplos mundos do mundo*. Para isso, serve-se de uma *linguagem livre*, entre a depuração e o excesso (uma «língua sem impostura»), explora sobretudo o amplo *mundo dos afectos* (o espectro das «afecções» da *Ética* de Spinoza) ou tenta dar a ouvir a *contra-música do Ser* através da leitura – tudo o que de essencial há nesse mundo, e que muitas vezes tendemos a ignorar, a não ver ou ouvir. Tudo isto está presente, elevado à última potência, em *Os Cantores de Leitura* – que, por acaso ou não, tiveram originalmente como título *O Livro dos Afectos*.

A sugestão de uma contra-música do Ser, de uma melodia que o atravessa a contrapêlo dos caminhos do mundo, e que é preciso aprender a escutar e transmitir ao futuro, surge precisamente nas páginas de um caderno de 2005 em que Llansol dá início à escrita de *Os Cantores de Leitura*:

6 de Fevereiro [de 2005]

Início do próximo livro

[*Os Pequenos Cantores de Leitura*]

[...]

se eu puder – executo:

se não puder – escrevo;

de qualquer modo, a palavra circulará entre estes aflitos que talvez a transmitam – mais aberta – à próxima espécie humana das almas.

E uma interrogação ocorre-me – como religar os textos que são fragmentos, os estilhaços correntes de complexas naturezas? Como fiz no *Curso de Silêncio de 2004* – puxar uma longa corda que, neste caso, envolve todos os cantores de leitura

_____ até chegar ao fim do todo. (Espólio de M. G. Llansol, caderno 1.70, p. 103, 105-106)

Por todas estas razões se poderá avançar a ideia de que *Os Cantores de Leitura* é um dos livros de Llansol que melhor documentam a importância de modos de *pensamento não conceptual*, e em que a atmosfera e os lugares (as várias Casas em que se movem as figuras, de nomes raros e perfis bem diferenciados, de uma Comunidade nómada e sem regra, como sempre) ganham um especial halo de espiritualidade, de elevação a um patamar superior da alma. A ligação à filosofia (e ao pensamento místico de Oriente e Ocidente) está presente na Obra da autora desde o início, com destaque, a partir de finais dos anos setenta, para esse grande interlocutor e «companheiro filosófico» que será Spinoza, mas também de Ibn' Arabí de Murcia, pensador da imaginação criadora e de um *mundus imaginalis* em cujo centro está o Amor. São fontes como estas que explicam a natureza mais livre, fragmentada, imagética e afectiva da escrita pensante de Llansol. Lembro, a este propósito, a síntese que desta questão fez Eduardo Lourenço num dos encontros anuais do Espaço Llansol, nesse ano centrado nas noções llansolianas (e spinozianas) da «liberdade da alma» e do que Llansol designa, na sua maior entrevista, de «Espaço edénico» (sem Éden, da ordem da pura imanência):

Maria Gabriela não é uma *filósofa* em primeira instância, como o Espinosa que ocupa o lugar dos lugares da sua insólita ficção supremamente o é. Os seus leitores e exegetas mais exigentes sabem até que ponto a fascinante tapeçaria dos seus sonhos escritos não é da ordem do conceito, e como é vão tentar compreender ou apenas 'estar' no seu texto, lê-lo e ser lido por ele, como se fosse possível apreendê-lo conceptualmente. A sua autora é uma *visionária* nata. Mas as visões de que os seus textos, ou o texto espinosiano, vivem – ao mesmo tempo finitas e sem fim – são textos-pessoas ou pessoas-textos em que todos os seus sonhos mais minuciosos e imprevisíveis, com as mais triviais realidades, se convertem em aparições que se fixassem para sempre na tela de uma memória sem sujeito, como borboletas sem norte, puro sonho. (LOURENÇO, 2011, p. 20-22)

A leitura é certa, mas o livro de que nos ocupamos, sendo talvez «puro sonho», não o é «sem norte»: o seu universo pode andar próximo do onírico, rarefeito e estranho, mas a sua construção, neste caso mais pensada do que habitualmente, é feita também ela *more geometrico*, com paralelos evidentes com a *Ética* de Spinoza. As «Partículas, seus duplos e seus contextos» podem ser vistas como possíveis correspondências das «Proposições, demonstrações e escólios» da *Ética*: um pensamento-em-imagem ou uma cena fulgor (a Partícula) são *prolongados* (por vezes «em dobra», pelo reverso) no seu Duplo, e a matéria sofre um *alargamento*, por vezes com elementos novos, nos Contextos – e todo o livro, coisa rara em Llansol, é um sistema (e um poema) de fragmentos aparentemente autónomos, mas com elos e correspondências. E sem corresponderem a nenhum «acontecimento» relacionável com as figuras; são antes pura projecção visionada e visionária – apesar de os verbos estarem sempre no presente e as cenas se passarem em

Casas identificadas com nomes concretos. Llansol comenta: «eu diria que este texto foi dividido em partículas, e seus duplos, ou contextos. Leituras minimais que se correspondem, conforme a transparência da sensibilidade de quem lê.» (LLANSOL, 2007, p. 104).

As «correspondências» desta estrutura geométrica nunca são, porém, tão rigorosas e consequentes como as da *Ética*. Talvez antes, na sua articulação flexível e nem sempre lógica, com o *fragmento*, tal como o entenderam os primeiros Românticos alemães: cada um como um ouriço fechado sobre si mesmo, mas não hermeticamente, já que os fios de ligação são muitos. Cada fragmento é aqui, como dos seus disse um dia Gonçalo M. Tavares numa definição que se ajusta perfeitamente a Llansol, «uma máquina de produzir inícios», com o seu pudor do definitivo. Deste modo, vivendo tanto do que diz como dos intervalos que prepara para o leitor, «o fragmento acelera a linguagem, acelera o pensamento» (TAVARES, 2013, p. 41). O «fragmento completo», como o designa também Llansol, dá espaço (e produz espaços) a quem lê, sugere-lhe correspondências e oferece-lhe silêncios, numa leitura não sequencial e causal, mas feita de núcleos de intensidades que apelam precisamente a uma leitura-outra, ao *canto da leitura*. Llansol explica-o melhor numa página deste seu livro:

Partícula 72 — Onde se faz brotar de novo o silêncio, na sua fase mais periclitante?

Na passagem de um fragmento para o outro, em que o limite de um admite à iniciação o seguinte — na passagem. Uma espécie de morte com ingresso, ou legitimidade para sustentar a energia e redistribuí-la num ininterrupto sem falha.

Ler é, constantemente, um trabalho de levantar, um acasalamento entre mentes / sementes, entre mentes e sementes, que se põem em determinado sítio da terra de uma e depois no húmus de outra, com paixão.

[...]

É evidente que eu nunca poderia fazer estes registos livres, se não fosse um cantor de leitura. E até que ponto poderia Gratuita ler se não soubesse que ler é a entrega e a aceitação de uma imagem? E entregam-me, de graça, o seguinte gnoma:

‘A leitura viva é o sinal dos tempos vivos.’

Grátis. Sem remuneração. De graça. (LLANSOL, 2007, p. 182-83)

Por outro lado, há que considerar as fontes inconscientes, ou a natureza aparentemente «ilógica», das imagens trazidas por cada fragmento ou pelas sucessivas cenas fulgor («Estilhaços coerentes de complexas naturezas», no dizer de Llansol: Caderno 1.70 do espólio, p. 105). Essas imagens trazidas à linguagem implicam neste livro final de Llansol um processo tateante, como lemos num dos cadernos da fase de escrita d’*Os Cantores de Leitura*: «Fragmentar as imagens do fundo e da superfície da Casa da Saudação. Narrá-las através da linguagem por meios propícios à procura_____» (Espólio de M. G. Llansol, Caderno 1.74, p. 87, em 5 de Junho de 2006).

Poderíamos aqui recorrer à relação entre os conceitos de *caos* e *ritmo*, tal como são usadas num dos últimos livros do filósofo José Gil, que considera que processos «irracionais» podem culminar num objecto com sentido, e que o rigor da razão mais pura (a do *more geometrico* spinoziano e a da sua correspondência literária em livros como *Os Cantores de Leitura*) abre um mundo novo ao pensamento (GIL, 2018, *passim*). Isto explica-se pelas regras (não rígidas) que nascem do caos e marcam o ritmo, e que neste livro são «traçados geométricos de vibrações» que «contribuem para que não nos despistemos» (LLANSOL, 2007, p. 18). Em *Os Cantores de Leitura* o caos é o do próprio corpo-de-escrita, o ritmo será o dos elos (por vezes invisíveis, mas sensíveis) que asseguram (pelo «canto» da leitura) a unidade do caos aparente (feito de motivos recorrentes, da diversidade dos espaços, distribuídos por muitas «Casas», das muitas figuras convocadas, dos grandes temas de toda uma Obra). Neste jogo entre fragmento e totalidade, entre o ínfimo (intenso) e o todo (osmótico), entre o corpo e o pensamento, as palavras, como diz Novalis num fragmento intitulado «Monólogo», aproximam-se das fórmulas matemáticas (do seu aparente caos, organizado pelo ritmo próprio da dedução intuitiva, que as pode transformar em fórmulas «mágicas» – tão presentes no «texto orgânico» de Llansol, como gostava de lhe chamar Augusto Joaquim, e em especial neste livro onde toda a Obra parece ser convocada e sintetizada em registo etéreo). Diz Novalis:

O que se passa com a linguagem é o mesmo que acontece com as fórmulas matemáticas – constituem um mundo em si, jogam apenas consigo próprias e exprimem apenas a sua natureza maravilhosa. Por isso elas são tão expressivas, por isso se reflecte nelas o estranho jogo das relações das coisas umas com as outras. Só pela sua liberdade elas são membros da natureza, e só nos seus movimentos livres [o caos da imanência] se manifesta a alma do mundo, transformando-as em delicada medida e desenho [a forma ritmada] das coisas (NOVALIS, 2006, p. 21-22).

Neste universo exteriormente marcado por uma imagem de rigor e repetição há um fundo de *espiritualidade* sempre latente que se apresenta como uma forma própria de re-ligião (*re-ligio*), se por isso entendermos a vontade e a necessidade de lançar permanentemente pontes entre o plano das realidades imanentes e o que se poderia chamar, no caso de M. G. Llansol, uma transcendência não transcendental, mas, ainda à imagem de Spinoza, manifesta nos modos constitutivos do Ser, nas múltiplas realidades que vivemos e experienciamos. Ou também na atmosfera mais rarefeita do último livro, assegurada por figuras nada convencionais de «Anjos» em figura de homem, todos eles logo apresentados e caracterizados numa das «partículas» iniciais do livro. Eis o «quadro com a carta geográfica» dessas figuras:

Sob os olhos de Arbricelo — o vacilante?
Sob os olhos de Vulcano — o caprichoso?
Sob os olhos de Flor — a geométrica flor?
Sob os olhos de Ciro — o sibilino?
Sob os olhos de Oblívio — o perdido na memória?

Sob os olhos de Celso — o seu amado?
Sob os olhos de Tual — que ousou pôr em causa o velho testamento de leitura?
Sob os olhos de Idílio Emmanuel — e seus poemas breves?
Sob os olhos de Gratuita — nossa égua?
Sob os meus próprios olhos, ditos de Cirilo?
Sob os olhos de Angelikos, de quem apenas ouvimos os passos? O verbo?
(LLANSOL, 2007, p. 18)

No momento em que (com o exílio na Bélgica e a descoberta de novos mundos espirituais) Llansol se afasta progressivamente de uma religiosidade mais formal e convencional, outras buscas se anunciam, alimentadas inicialmente sobretudo pelo pensamento místico mais ou menos heterodoxo: de S. João da Cruz ou das beguinas flamengas, de Mestre Eckhart ou do «teólogo da revolução» Thomas Müntzer, de místicos árabes como Ibn' Arabî de Murcia ou Al-Halladj. E, em fundo, desde cedo, a sombra e a luz dessa filosofia da *espiritualidade imanente* de uma Substância que se manifesta no mundo e em todos os seus «acidentes» ou modos — o *Deus sive natura* de Spinoza, que Llansol a certa altura transpõe inesperadamente para o plano da leitura, na fórmula *Deus sive legens*, ou seja, a transcendência presente no acto de cantar a leitura, de dizer o mundo, nos seus modos e na sua matéria (dizer a alma do mundo, que é também «a ideia do seu corpo», numa tradição, aliás, que vem dos Antigos e que é a do mundo como um grande livro). Um acto diferente do «ler corrente», que, como sugere Llansol, é um acto narcísico, «mero prazer de identificação», a simples procura de um duplo. A leitura cantada, pelo contrário, diz ainda o texto, «é uma espécie de imaginação mimética entre duas identidades», ou «combustão activa com chama» (LLANSOL, 2007, p. 176-77). Ou seja, uma forma de leitura – dos livros, do mundo e dos outros – elevada a uma potência superior. Ora, esta forma de activar a voz e nomear o visível e o invisível, à imagem de um Deus-Substância que se activa em cada momento de leitura, que é um momento de partilha, e não de confirmação de si, só é possível numa forma muito particular de *Comunidade* como a que nos é sugerida em *Os Cantores de Leitura*.

Que Comunidade é esta, que culmina um percurso de escrita e pensamento em que outras se foram constituindo, também elas nómadas e sem regra, com figuras da História e do quotidiano?

A resposta que pudermos dar a esta pergunta vai permitir-nos aclarar um pouco mais os enigmas e abrir-nos algumas portas de entrada neste último livro que vejo como um espaço etéreo, atravessado por vários *Lugares*, no sentido llansoliano do termo: espaços/Casas não neutros, mas marcados por energias próprias, lugares de escrita e leitura, filosóficos e espirituais, mas também funcionais e quotidianos, que regem as acções e as ideias das Figuras que os atravessam.

Sugeri já noutra lugar (vd. BARRENTO, 2019, p. 170) a aproximação deste universo com um pequeno escrito de Rilke intitulado *Notas sobre a Melodia das Coisas*, onde se fala de «vozes singulares» e de uma

«grande melodia» de fundo. E lembro aí que «A grande melodia e as vozes singulares» poderia, de facto, ser um outro título para *Os Cantores de Leitura*. A imagem de um «fundo» (uma ideia motriz, a «corda» que tudo liga, na passagem atrás referida de um caderno) sobre o qual se inscreve a real possibilidade de relação entre membros de uma comunidade faz sentido no caso do projecto de Maria Gabriela Llansol e de qualquer uma das três «comunidades» que descubro no seu percurso (a comunidade na diáspora, que é a das suas figuras históricas; a da «ordem figural do quotidiano», que é a dos seres comuns sem hierarquias; e a epifânica, a dos *Cantores de Leitura*). Rilke oferece-me essa imagem do pano de fundo para o qual converge a diversidade dos singulares nesse luminoso texto de 1898, inspirado no transcendentalismo americano de Emerson e Thoreau, aproximando-nos inesperadamente da ideia de comunidade em Llansol, particularmente a derradeira, a d'*Os Cantores de Leitura*. Esta é, de maneira diferente daquela que nasce com *O Livro das Comunidades*, uma comunidade que configura um universo anímico, ainda mais futurante, projectivo e ideal do que a do grande «projecto do humano» da restante Obra. Como a do Spinoza do *Tratado da Reforma do Entendimento*, ela orienta-se por uma ideia de «felicidade para a vida eterna», regida pela lei do mútuo e do seu eterno retorno, não por qualquer utopia, mas por um «princípio esperança» muito próprio (para recorrer a uma célebre distinção do filósofo Ernst Bloch). Uma construção do mundo que aqui se baseia na ideia-chave da leitura cantada – a busca da beleza, da elevação espiritual e de uma ética radicada no corpo, a já referida «sensualética». Em última análise uma busca que alcançou o nível de uma *sabedoria do Sim*: «tudo o que, de outro modo, se opõe ao nada. / Incluindo a pujança da ausência» (LLANSOL, 2007, p. 191).

Essa busca faz-se através da deambulação por várias *Casas* (da Saudação, do Silêncio, da Reconstituição, do Pinhal e do Mosteiro dos Animais) que aqui são lugares de «introspecção» (vd. o título da primeira parte: «A introspecção da Casa»), de um conclave de figuras que possibilita o autoconhecimento, a prática do «eterno retorno do mútuo» como uma «conversação espiritual», a convivência com os «cruéis e cândidos animais» e, naturalmente, o exercício da leitura cantada, feita a partir de «tábuas» ou «pautas» de leitura, como um ritual. A Casa transforma-se então num ser com respiração, num organismo com metabolismo próprio, num campo de energias interactivas: na «casa da leitura em flor» (p. 18) as figuras orientam-se por «traçados geométricos de vibrações», praticam a «filtragem da empiria» (a anulação da escrita realista e autobiográfica), procuram novas formas de saber fundadas no corpo, de um «saber não sabendo» (porque «o estímulo da pergunta é não haver resposta»: p. 159), com vista a sentir e experimentar, ainda com Spinoza, uma forma de «eternidade» que não implica a imortalidade. A síntese dessa busca é-nos dada no «contexto» da Partícula 43:

viemos até aqui, na forma da presença peculiar de cada um,
para tentarmos reviver, mais uma vez,
o que é o corpo,
o que é a luz,

o que é a força,
o que é o afecto,
o que é o pensamento,
o que é a figura.
(LLANSOL, 2007, p. 99)

Esta enumeração revisita, de facto, todos os tópicos centrais da Obra de Maria Gabriela Llansol desde que escolheu para a sua escrita os princípios singulares do *corp' a 'screver*, da *luz de ler* que prolonga a *textualidade*, da miríade de afectos que alimenta a sua *linhagem de seres* visíveis e invisíveis, do *pensamento imagético* e da *figura* que não conhece a morte. E o canto do cisne que se ouve em *Os Cantores de Leitura* volta a entoá-los, agora num registo mais sublimado, o do «não-mundo dos cantores de leitura». Que mais não é do que a expressão acabada de uma ucronia trans-humana – e apesar disso tão humana, demasiado humana – de figuras que deixam ouvir as suas «vozes singulares» contra o pano de fundo da «grande melodia cósmica» que nos embala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENTO, João. *Uma Contra-música. Novos escritos llansolianos*. Lisboa: Espaço Llansol/Mariposa Azul, 2019.

GIL, José. *Caos e Ritmo*. Lisboa: Relógio d'Água, 2018.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita. Diário 2*. 2ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

_____. *Os Cantores de Leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

_____. *Uma Data em Cada Mão. Livro de Horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

LOURENÇO, Eduardo. A realidade como texto e o texto da realidade. In: BARRENTO, João e SANTOS, Maria Etelvina (org.). *Llansol: A Liberdade da Alma*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011, p. 19-27.

NOVALIS. *Fragmentos são Sementes*. Selecção, tradução e ensaio de João Barrento. Lisboa: Roma Editora, 2006.

RILKE, Rainer Maria. *Notas sobre a Melodia das Coisas*. Trad. de Sandra Filipe. Lisboa: Averno, 2011.

TAVARES, Gonçalo M.. *Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, fragmentos, imagens*. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.

Recebido para avaliação em 05/12/2021
Aprovado para publicação em 07/01/2021

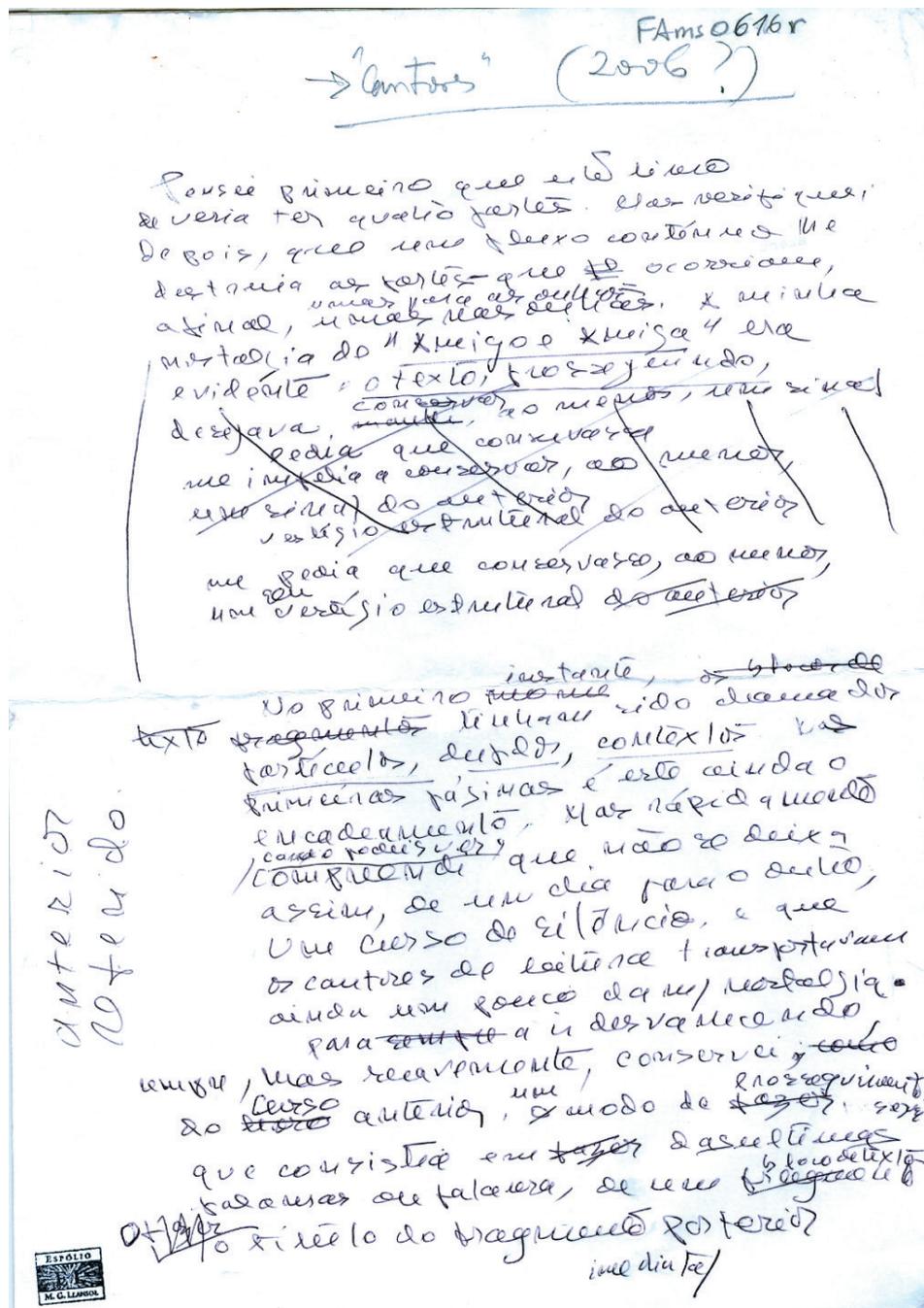
NOTA

¹Professor (jubilado) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Presidente da Direcção do Espaço Llansol (Lisboa).

ANEXO

Gênese de Os Cantores de Leitura

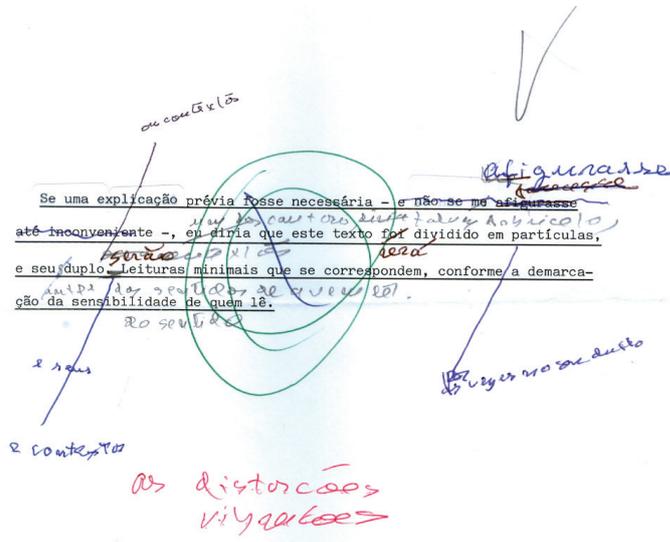
Alguns papéis avulsos do espólio de M. G. Llansol



Pensei primeiro que este livro deveria ter quatro partes. Mas verifiquei, depois, que um fluxo contínuo lhe destruiria as partes – que ocorriam, afinal, umas nas outras / umas para as outras. A minha nostalgia de Amigo e Amiga era evidente, e o texto, prosseguindo, me pedia que conservasse, ao menos, um seu vestígio estrutural.

No primeiro instante tinham sido chamados partículas, duplos, contextos. Nas primeiras páginas é este ainda o encadeamento. Mas rapidamente, como podeis ver, compreendi que não se deixa assim, de um dia para o outro, um

Curso de Silêncio, e que os cantores de leitura transportavam ainda um pouco da minha nostalgia. Para a ir desvanecendo sempre, mas suavemente, conservei do Curso anterior um modo de prosseguimento que consistia em, das últimas palavras ou palavra, de um bloco de texto, fazer o título do fragmento imediatamente posterior. (Avulso FAmS0616r / 2006)



Se uma explicação prévia fosse necessária – e não se me afigurasse até inconveniente –, um dos cantores, talvez Arbricelo, diria que este texto será dividido em partículas, por vezes no seu duplo, e seus contextos. Serão leituras mínimas que se correspondem, conforme a demarcação / interp[retação] da sensibilidade / dos sentidos de quem lê.

As distorções
vibrações

(Avulso FAdm0629r)

Daqui em diante (esclarece quem escreve)
o Cantor de Leitura
que lê, sua marca singular,
seu nome próprio;
sua marca singular / seu sinal distintivo
E nada mais se acrescentou a mais
mais

Daqui em diante (esclarece quem escreve) o Cantor de Leitura que lê será designado pelo seu nome impróprio;
sua marca singular / coreografia / seu sinal distintivo.

E nada mais se acrescentou a mais

(Avulso FAmS0631v)

Partícula 22 / Que figuras?

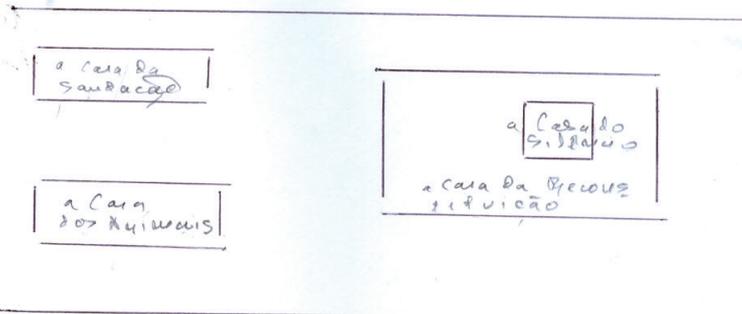
é 1 contexto

Como vireis viver aqui, faço-vos o desenho das Casas que vos esperam. Todas elas são casas da Casa do Pinhal.

O núcleo-mãe é a Casa da Reconstituição.

Se o Grande ~~Autor~~ Desconhecido vier, virá habitar na Casa da Saudação. Os animais moram na casa deles, a Casa dos Animais. As árvores, os arbustos, as flores, a erva, moram no jardim em volta. A Casa do Silêncio é a parte mais recôndita da Casa da Reconstituição.

Os pontos cardeais da Casa do Pinhal são guardados por figuras que vos mostrarei:



Partícula 22 / 1 – Que figuras?

é 1 contexto

Como vireis viver aqui, faço-vos o desenho das casas que vos esperam. Todas elas são casas da casa do Pinhal.

O núcleo-mãe é a casa da Reconstituição.

Se o Grande Textuador [Des]conhecido vier, virá habitar na Casa da Saudação. Os animais moram na casa deles, a Casa dos Animais. As árvores, os arbustos, as flores, a erva, moram no jardim em volta. A Casa do Silêncio é a parte mais recôndita da Casa da Reconstituição.

Os pontos cardeais da Casa do Pinhal são guardados por figuras que vos mostrarei:

(Avulso FAda0635r)